



## **Envolvimento em *bullying* na adolescência: prevalência, papéis e variáveis demográficas associadas**

Involvement in bullying during adolescence: prevalence, participation roles, and associated demographic variables

Participación en el bullying durante la adolescencia: prevalencia, roles de participación y variables demográficas asociadas

**Ana Cristina Stofel dos Santos Itaborahy<sup>1</sup>**

*Mestranda no Programa da Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, Brasil*

**Rosimeire Aparecida Neto<sup>2</sup>**

*Psicóloga do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, Brasil*

**Juliana Macedo Lopes<sup>3</sup>**

*Nutricionista do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, Brasil*

**Irene Duarte de Souza<sup>4</sup>**

*Enfermeira do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, Brasil*

**Recebido em:** 22/09/2025

**Aceito em:** 13/11/2025

### **Resumo**

Há evidências na literatura científica de que o *bullying* se associa a impactos negativos na saúde mental de adolescentes. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo identificar os papéis assumidos no *bullying* e investigar sua relação com variáveis demográficas no período da adolescência. Contou-se com a participação de 428 estudantes (M = 14,40; DP = 2,12) de turmas do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública de uma cidade de Minas Gerais. Foram utilizados o Questionário de *Bullying* de Olweus - versões agressor e vítima - e o Questionário de *Bullying* de Olweus - versão testemunha, que apresentaram consistências internas adequadas. Identificou-se que 46,26% deles se envolveram diretamente com *bullying* no período analisado, mais especificamente como vítima-agressora (22,66%), vítima (15,89%) ou agressor (7,71%). Além disso, mais de ¾ (76,17%) testemunharam essa forma de agressão na escola.

**Palavras-chave:** *Bullying*. Adolescência. Escola.

<sup>1</sup> sitaborahy.ana@gmail.com

<sup>2</sup> rosimeire.neto@ufjf.br

<sup>3</sup> julianamml@ufjf.br

<sup>4</sup> irene.souza@ufjf.br

## Abstract

There is evidence in the scientific literature that bullying is associated with negative impacts on adolescents' mental health. Thus, the present study aims to identify the reinforced roles in bullying and to investigate its relationship with demographic variables during adolescence. A total of 428 students ( $M = 14.40$ ;  $SD = 2.12$ ), from 6th grade of Elementary School to the 3rd year of High School at a public school in a city in Minas Gerais, participated in the study. The Olweus Bullying Questionnaire – bully and victim versions – and the Olweus Bullying Questionnaire – bystander version – were used, both showing adequate internal consistency. Results indicated that 46.26% of participants were directly involved in bullying during the analyzed period, specifically as bully-victims (22.66%), victims (15.89%), or bullies (7.71%). In addition, more than three-quarters (76.17%) reported witnessing this form of aggression at school.

**Keywords:** Bullying. Adolescence. School.

## Resumen

Existen evidencias en la literatura científica de que el bullying se asocia con impactos negativos en la salud mental de los adolescentes. Así, la presente investigación tiene como objetivo identificar los roles asumidos en el bullying e investigar su relación con variables demográficas durante la adolescencia. Participaron 428 estudiantes ( $M = 14,40$ ;  $DE = 2,12$ ), desde el sexto grado de la Educación Primaria hasta el tercer año de la Educación Secundaria, en una escuela pública de una ciudad de Minas Gerais. Se utilizaron el Cuestionario de Bullying de Olweus – versiones agresor y víctima – y el Cuestionario de Bullying de Olweus – versión testigo, los cuales presentaron una consistencia interna adecuada. Se identificó que el 46,26% de los participantes estuvo directamente involucrado en el bullying en el período analizado, específicamente como víctima-agresor (22,66%), víctima (15,89%) o agresor (7,71%). Además, más de tres cuartas partes (76,17%) presenciaron esta forma de agresión en la escuela.

**Palabras clave:** Bullying. Adolescencia. Escuela.

## Introdução

O bullying é um problema educacional e de saúde pública. O relatório da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco) Por trás dos números: como acabar com a violência e o bullying nas escolas (2019) apresenta evidências abrangentes sobre violência e bullying em escolas de 144 países, indicando uma prevalência de 32% de vitimização escolar. Segundo os dados desse relatório, o bullying produz um impacto negativo significativo na saúde mental, na qualidade de vida e no desempenho acadêmico das crianças e dos adolescentes que sofrem esse tipo de violência frequentemente. Estes têm quase três vezes mais chances de se sentirem excluídos na escola e mais que o dobro de chances de faltar às aulas, além de apresentarem resultados educacionais piores do que seus colegas e uma maior probabilidade de abandonar a educação formal após a conclusão do Ensino Médio (Unesco, 2019).

Há fartas evidências de que esse tipo de agressão se associa positivamente com problemas de saúde mental em adolescentes (Han et al., 2025). Tanto problemas de desenvolvimento emocional quanto cognitivos e de desempenho escolar têm sido relatados pela literatura científica (Menken et al., 2022; Ye et al., 2023; Zhao et al., 2023; Jia et al., 2024; Han et al., 2025). Como exemplo, o cyberbullying, isto é, o bullying cometido em ambientes virtuais

(por exemplo, redes sociais e programas de mensagens instantâneas), apresentou associação com o aumento do uso de substâncias psicoativas, como álcool, nicotina e *cannabis*, entre adolescentes, principalmente meninas (Nagata *et al.*, 2025). Estratégias cognitivas e metacognitivas de aprendizagem também foram menos utilizadas por vítimas e agressores de *bullying* (Solas-Martínez *et al.*, 2025).

No final da década de 1970, o psicólogo sueco-norueguês Dan Olweus, considerado o precursor dos estudos sobre o tema, desenvolveu a primeira sistematização do fenômeno *bullying* no contexto escolar (Din *et al.*, 2021). Segundo Olweus (2012), o *bullying* é definido como um tipo de agressão intencional e repetida entre estudantes. Ademais, é caracterizado pelo desequilíbrio de poder entre vítimas e agressores, o que faz com que os primeiros tenham dificuldade para se defender, esquivar ou fugir das agressões. Atualmente, o conceito de *bullying* foi ampliado para além do ambiente escolar, abrangendo também contextos comunitários e virtuais, como no caso do *cyberbullying* (Din *et al.*, 2021). No Brasil, o *bullying* tem sido observado em altos índices durante a adolescência (Neto *et al.*, 2023). Essa fase do desenvolvimento é considerada um período em que os indivíduos estão especialmente vulneráveis aos efeitos desse comportamento agressivo, uma vez que é marcada pela intensa troca com os pares (Salmivalli, 2021).

Como se pode depreender, o *bullying*, apesar de ser uma das várias formas de agressão entre estudantes, extrapola os “muros” da escola. Com o advento e a popularização das redes de computadores, as agressões não cessam necessariamente quando o horário escolar termina. No entanto, a escola ainda é o principal local em que essas agressões ocorrem, como corroborado por Gomes *et al.* (2024).

As escolas têm, portanto, um papel fundamental na prevenção e no combate ao *bullying*. Desenvolver e implantar programas antibullying é, atualmente, um imperativo para todas as instituições de ensino. Al Ali (2025), por exemplo, observou diminuição das taxas de vitimização após a implementação desse tipo de intervenção educacional. Para tanto, as instituições educacionais precisam dispor, entre outros aspectos, de uma base sólida de conhecimentos científicos sobre *bullying* — algo que ainda está em construção no Brasil. Isso, por si só, justifica a realização de pesquisas para identificar o envolvimento com essa forma de agressão e os fatores (variáveis) a ela associados.

Avaliar o *bullying* é um processo extremamente complexo, primeiramente pela natureza dessa forma de agressão. Considerando-se que se trata, como afirmado anteriormente, de um conjunto de comportamentos agressivos que ocorrem entre pares de forma intencional e repetida ao longo do tempo, envolvendo um desequilíbrio de poder em que a agressão é direcionada a uma ou mais pessoas com dificuldade de se proteger (Olweus, 2010), a mensuração deve, ao menos, identificar a presença das agressões e sua repetição ao longo do tempo. Em segundo lugar, é necessário considerar que essas agressões interpessoais são dinâmicas e os envolvidos exercem nelas distintos papéis: agressor, vítima,

testemunha e vítima-agressora (Zych et al., 2018).

Os impactos negativos do bullying não se restringem às vítimas. Eles também apresentam consequências de curto, médio e longo prazos para agressores e testemunhas. Ansiedade, depressão, uso de substâncias psicoativas e comportamentos suicidas constituem uma amostra dos problemas de saúde mental relacionados a esse tipo de agressão (Midgett; Doumas, 2019; Unesco, 2019). Ademais, pouco ainda se sabe sobre os efeitos nas testemunhas.

O bullying, como mencionado anteriormente, é um fenômeno complexo e dinâmico que envolve interações entre, pelo menos, dois indivíduos ao longo de um período de tempo. Buscando abarcar essas características do construto, Olweus (1996) desenvolveu o Questionário de Bullying, com itens que representam situações de vitimização e de agressão. O respondente deve indicar com que frequência aquele tipo de agressão é praticado ou sofrido nos trinta dias anteriores à resposta. Quanto ao ponto de corte, não há consenso sobre a frequência com que a prática de uma agressão passa a configurar bullying, o que acarreta diferenças entre pesquisas.

Gaete et al. (2021) utilizaram o Questionário de Bullying de Olweus (1996), adotando como critério a frequência mínima de duas a três agressões praticadas em um mês. O mesmo padrão foi adotado por Ighaede-Edwards et al. (2023). Lee e Cornell (2008), por outro lado, optaram por definir como bullying todas as respostas superiores a uma ou duas vezes no último mês. Algumas pesquisas mais conservadoras, como a de Itaborahy e Gonçalves (2025), consideraram bullying apenas quando a frequência era de várias vezes por semana.

É preciso considerar, ainda, que a mensuração do envolvimento com esse tipo de agressão com base na frequência não é adotada em todas as avaliações. Malta et al. (2022), por exemplo, aplicaram um questionário semiestruturado no qual constavam perguntas diretas, como “Você já sofreu bullying?”. Variações nos instrumentos de avaliação podem gerar discrepâncias nas prevalências observadas, exigindo cautela na interpretação e, sobretudo, na generalização dos resultados de pesquisas e avaliações realizadas por psicólogos e profissionais da Educação. Apesar dessas diferenças, os resultados já publicados oferecem panoramas nacionais e internacionais relevantes para intervenções sobre esse fenômeno.

Estudos no Brasil apontam uma elevada prevalência de indicadores referentes ao bullying entre adolescentes em ambiente escolar (Silva et al., 2019; Malta et al., 2022). Os dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE), survey realizado em escolas públicas e privadas de todos os estados brasileiros entre 2015 e 2019, revelam que cerca de 20% dos estudantes entre 13 e 17 anos praticaram bullying e 8% afirmaram sofrer bullying no ambiente escolar. Os resultados também mostraram que 19,8% dos alunos do 9º ano praticaram bullying no decorrer da escolarização (Silva et al., 2019; Lembro et al., 2023). No

meio virtual, a prevalência de cyberbullying foi de 46,3% entre praticantes e de 57,5% entre vítimas.

Um estudo de Malta et al. (2022), analisando dados da PeNSE coletados em 2019, destacou que a prevalência de vitimização desse tipo de violência entre adolescentes brasileiros foi de 23,0%, sendo mais elevada entre escolares de 13 a 15 anos, sem diferença significativa entre escolas públicas e privadas.

Pesquisas brasileiras que investigam a relação entre variáveis demográficas e envolvimento no bullying na adolescência têm evidenciado a diminuição da vitimização com o aumento da idade (Santos et al., 2014). Adolescentes de 14 e 15 anos apresentam menor prevalência de vitimização, enquanto ao ponto de corte, não há consenso sobre a frequência com que a prática de uma agressão passa a configurar bullying, o que acarreta diferenças entre pesquisas.

Gaete et al. (2021) utilizaram o Questionário de Bullying de Olweus (1996), adotando como critério a frequência mínima de duas a três agressões praticadas em um mês. O mesmo padrão foi adotado por Ighaede-Edwards et al. (2023). Lee e Cornell (2008), por outro lado, optaram por definir como bullying todas as respostas superiores a uma ou duas vezes no último mês. Algumas pesquisas mais conservadoras, como a de Itaborahy e Gonçalves (2025), consideraram bullying apenas quando a frequência era de várias vezes por semana.

É preciso considerar, ainda, que a mensuração do envolvimento com esse tipo de agressão com base na frequência não é adotada em todas as avaliações. Malta et al. (2022), por exemplo, aplicaram um questionário semiestruturado no qual constavam perguntas diretas, como “Você já sofreu bullying?”. Variações nos instrumentos de avaliação podem gerar discrepâncias nas prevalências observadas, exigindo cautela na interpretação e, sobretudo, na generalização dos resultados de pesquisas e avaliações realizadas por psicólogos e profissionais da Educação. Apesar dessas diferenças, os resultados já publicados oferecem panoramas nacionais e internacionais relevantes para intervenções sobre esse fenômeno.

Estudos no Brasil apontam uma elevada prevalência de indicadores referentes ao bullying entre adolescentes em ambiente escolar (Silva et al., 2019; Malta et al., 2022). Os dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE), survey realizado em escolas públicas e privadas de todos os estados brasileiros entre 2015 e 2019, revelam que cerca de 20% dos estudantes entre 13 e 17 anos praticaram bullying e 8% afirmaram sofrer bullying no ambiente escolar. Os resultados também mostraram que 19,8% dos alunos do 9º ano praticaram bullying no decorrer da escolarização (Silva et al., 2019; Lembro et al., 2023). No meio virtual, a prevalência de cyberbullying foi de 46,3% entre praticantes e de 57,5% entre vítimas.

Um estudo de Malta et al. (2022), analisando dados da PeNSE coletados em 2019, destacou que a prevalência de vitimização desse tipo de violência entre adolescentes brasileiros foi de 23,0%, sendo mais elevada entre escolares de 13 a 15 anos, sem diferença significativa entre escolas públicas e privadas.

Pesquisas brasileiras que investigam a relação entre variáveis demográficas e envolvimento no bullying na adolescência têm evidenciado a diminuição da vitimização com o aumento da idade (Santos et al., 2014). Adolescentes de 14 e 15 anos apresentam menor prevalência de vitimização, enquanto meninas de 13 anos são as mais vitimizadas (Silva et al., 2018). Essa vitimização também foi maior em adolescentes que praticavam bullying, ou seja, vítimas-agressoras (Veloso et al., 2020).

Em relação ao gênero, alunos são geralmente mais vitimizados do que alunas (Garcia Continente; Pérez Giménez; Nebot Adell, 2010; Malta et al., 2010; Machado et al., 2024; Oliveira et al., 2024). Os meninos também são os principais perpetradores do bullying (Silva; Silva, 2023; Machado et al., 2024; Oliveira et al., 2024; Silva; Vilela; Oliveira, 2024). Meninos que percebiam a agressão também tendiam a ser mais agressores (Azeredo et al., 2022), tornando-se vítimas-agressoras.

No que diz respeito aos tipos de agressão, as formas verbais, relacionais e físicas são as mais prevalentes (Garcia Continente; Pérez Giménez; Nebot Adell, 2010; Wang; Nansel; Iannotti, 2011; Almeida Dos Santos et al., 2014; Bolzan Berlese et al., 2017; Silva et al., 2019). Além disso, é sabido que meninos se envolvem mais em agressões físicas, enquanto meninas recorrem mais às psicológicas (Pigozi; Machado, 2015).

Considerando a relevância do tema para o desenvolvimento saudável de adolescentes, esta pesquisa tem como objetivo estimar a prevalência de indicadores referentes ao bullying entre escolares de um colégio público e analisar o envolvimento no bullying na adolescência. Investigou-se, assim, a prevalência desse tipo de agressão nessa fase, bem como as relações entre os papéis desempenhados pelos estudantes (vítima, agressor, vítima-agressora e testemunha) e as variáveis demográficas, como idade, gênero e autodeclaração étnico-racial.

## **Metodologia**

Adotou-se na pesquisa o delineamento transversal e a análise quantitativa dos dados. O método é descrito nos tópicos a seguir.

### **Participantes**

A amostra da presente pesquisa foi composta por adolescentes que cursavam Ensino Fundamental ou Ensino Médio em uma escola pública federal localizada em uma cidade do interior de Minas Gerais (N=428). A seleção foi não probabilística acidental.

### **Instrumento**

Foi utilizada a versão brasileira (Gonçalves, 2015) do Questionário de *Bullying* de Olweus - versões agressor e vítima (Olweus, 1996). Os instrumentos são escalas Likert de quatro pontos (variando entre: nenhuma vez, uma ou duas vezes por mês, uma vez por semana e várias vezes por semana) compostos por

23 itens cada. Para a caracterização de *bullying*, considera-se a ocorrência de agressões ao menos uma vez por semana. Um Questionário de *Bullying* – versão testemunha foi desenvolvido especificamente para esta pesquisa a partir das duas versões originais, de modo a incluir o papel de testemunha. Esse instrumento apresentou consistência interna adequada (GLB=0,953, IC95% [0,952; 0,962]). Do mesmo modo, para as subescalas de vítimas (GLB=0,932, IC95% [0,932; 0,946]) e de agressores (GLB=0,891, IC95% [0,884; 0,909]), também foram encontrados índices de consistência interna satisfatórios.

### **Procedimentos de Coleta de Dados**

A coleta de dados ocorreu em dois formatos: escalas aplicadas digitalmente e escalas aplicadas de forma impressa. No primeiro caso, foram utilizados equipamentos do laboratório de informática da instituição e, também, foi facultado aos alunos que possuíam aparelho celular com internet que utilizassem o *link* disponibilizado para respondê-las. Foram fornecidas as escalas impressas para aqueles que não apresentaram recursos tecnológicos no momento da aplicação e que optaram por não usar computadores da escola.

### **Procedimentos de Análise de Dados**

Estatísticas descritivas foram utilizadas para a caracterização da amostra, entre elas: cálculo de média (M), desvio padrão (DP), porcentagem e escores brutos. Também foram realizadas estatísticas inferenciais, como: qui-quadrado ( $\chi^2$ ), análise de variância (ANOVA - F), análise de *post hoc* com Tukey. Para o  $\chi^2$ , foi usada simulação de Monte Carlo com 10 mil reamostragens e intervalo de confiança igual a 95% quando 20% ou mais das contagens esperadas foram menores que cinco. O nível de significância adotado foi de 0,05. Os *softwares* IBM SPSS Statistics (IBM Corp., 2021) e JASP (JASP Team, 2023) foram utilizados para a realização das análises.

### **Resultados**

Os resultados dizem respeito a 428 discentes do Ensino Fundamental (62,55%; n = 272) e do Ensino Médio (36,45%; n = 156), mais precisamente: sexto (17,52%; n = 75), sétimo (15,89%; n = 68), oitavo (14,95%; n = 64) e nono (15,19%; n = 65) anos do Ensino Fundamental; e primeiro (13,32%; n = 57), segundo (15,42%; n = 66) e terceiro (7,71%; n = 33) anos do Ensino Médio. A idade média em anos dos discentes era de 14,40 (DP = 2,12; 11  $\geq$  20). Quanto à cor-raça, a branca foi autodeclarada por 54,67% (n = 234), a parda por 27,34% (n = 117), a preta por 15,42% (n = 66) e 2,57% (n = 11) não declararam. Um pouco mais da metade informou ser do sexo feminino (50,47%; n = 216), 48,33% (n = 209) indicaram masculino e três (0,70%) optaram por não declarar esta característica demográfica. No que diz respeito ao gênero, 48,83% (n = 209) assinalaram a opção menino/garoto/rapaz, 48,60% (n = 208) marcaram

menina/garota/moça, 2,34% (n = 10) optaram por nem menino, garoto ou rapaz nem menina, garota ou moça e um estudante não declarou (0,23%).

Observou-se que 46,26% (n = 198) dos estudantes se envolveram diretamente com bullying no período analisado, sendo que 22,66% (n = 97) deles desempenharam o papel de vítima-agressora, 15,89% (n = 68) o de vítima e 7,71% (n = 33) de agressor. Considerando os papéis isoladamente, 38,55% foram vitimizados e 23,60% agrediram. Evidentemente, 53,74% (n = 230) não se envolveram diretamente. Ainda no que se refere aos papéis que discentes podem desempenhar no bullying, mais de  $\frac{3}{4}$  (76,17%; n = 326) deles testemunharam essa forma de agressão.

Ao associar idade e envolvimento no bullying, constatou-se diferença significativa entre os subgrupos ( $F(428; 3) = 2,640$ ;  $p = 0,049$ ). A análise de post hoc com Tukey formou dois subgrupos homogêneos: vítima (M = 13,75), sem envolvimento direto (M = 14,33) e vítima-agressora (M = 14,39) ( $p = 0,292$ ); e sem envolvimento direto (M = 14,33), vítima-agressora (M = 14,39) e agressor (M = 14,94) ( $p = 0,338$ ). Assim, as vítimas eram mais novas do que os agressores ( $p = 0,040$ ), sendo que o tamanho do efeito é moderado ( $d = 0,565$ ).

Gênero ( $\chi^2 (428; 9) = 19,713$ ;  $p = 0,020$ ) e sexo ( $\chi^2 (428; 3) = 13,992$ ;  $p = 0,030$ ) também se associaram com envolvimento com bullying. É possível observar (Tabela 1) que meninas/garotas/moças se envolveram menos com bullying e desempenharam menos os papéis de agressoras e vítimas agressoras, porém não diferem dos meninos/garotos/rapazes quando se trata do papel de vítima. Resultado análogo foi obtido para a variável sexo, sendo que o sexo feminino apresentou envolvimento com esse tipo de agressão idêntico ao de menina/garota/moça e, evidentemente, o sexo masculino ao de menino/garoto/rapaz.

Envolvimento com *bullying* não se associa com ano escolar ( $\chi^2 (428; 18) = 25,363$ ;  $p = 0,115$ ).

Também não se relaciona com autodeclaração de cor/raça ( $\chi^2 (428; 9) = 9,416$ ;  $p = 0,400$ ).

A Tabela 2 apresenta os tipos de agressões empregadas no *bullying* observadas pelas testemunhas, perpetradas pelos agressores, sofridas pelas vítimas e, no caso das vítimas-agressoras, tanto recebidas quanto cometidas. Xingamento é o comportamento agressivo que se destaca em todos os casos. Outra forma de agressão que chama a atenção, especialmente por serem adolescentes, é a exclusão do grupo.



**Tabela 1**  
Envolvimento com *bullying* e variáveis demográficas

Variáveis Demográficas	Envolvimento com <i>Bullying</i>							
	Sem Envolvimento		Agressor		Vítima		Vítima-Agressora	
	Direto							
	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Gênero</b>								
Um menino/garoto/rapaz	99	47.37	21	10.05	33	15.79	56	26.75
Uma menina/garota/moça	12	61.54	10	4.81	32	15.38	38	18.27
	8							
Nem menino, garoto ou rapaz, nem menina, garota ou moça	3	30	2	20	2	20	3	30
Não declarado	-	-	-	-	1	100	-	-
<b>Sexo</b>								
Feminino	13	60.65	11	5.09	36	16.67	38	17.59
	1							
Masculino	97	46.41	22	10.53	32	15.31	58	27.75
Não declarado	2	66.67	-	-	-	-	1	33.33

Fonte: Elaborado pelas autoras.

**Tabela 2**  
Agressões empregadas para *bullying*

Agressões	Testemunha		Agressor		Vítima		Vítima-agressora			
							Sofridas		Praticadas	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Xingamento	280	85.89	24	72.73	34	50	81	83.51	89	91.75
Exclusão pelo grupo	129	39.57	4	12.12	20	29.41	14	14.43	8	8.25
Sarcasmo indefinido	121	37.12	-	-	1	1.47	6	6.19	1	1.03
Insulto por aparência	103	31.6	1	3.03	4	5.88	3	3.09	5	5.15
Fofoca, rumor	103	31.6	1	3.03	2	2.94	-	-	-	-
Apelido depreciativo	100	30.67	2	6.06	8	11.76	15	15.46	4	4.12
Isolamento	91	27.91	-	-	1	1.47	2	2.06	-	-
Socos, pontapés ou empurrões	80	24.54	3	9.09	1	1.47	19	19.59	11	11.34
Rejeição forçada	69	21.17	-	-	15	22.06	10	10.31	5	5.15
Ameaça	69	21.17	-	-	5	7.35	5	5.15	2	2.06
Homofobia, transfobia, lesbofobia	53	16.26	1	3.03	2	2.94	3	3.09	3	3.09
Racismo	51	15.64	1	3.03	15	22.06	17	17.53	6	6.19
Sarcasmo linguístico	44	13.5	5	15.15	17	25	13	13.4	6	6.19
Mentira - Furto	36	11.04	-	-	2	2.94	4	4.12	3	3.09
Furto	31	9.51	-	-	7	10.29	6	6.19	2	2.06
Dano material	26	7.98	-	-	5	7.35	7	7.22	4	4.12
Puxão de cabelo ou arranhão	23	7.06	-	-	5	7.35	8	8.25	3	3.09
<i>Cyberbullying</i>	23	7.06	-	-	3	4.41	5	5.15	4	4.12
Encurralamento	15	4.6	-	-	16	23.53	17	17.53	1	1.03
Perseguição	12	3.68	-	-	2	2.94	2	2.06	1	1.03
Assédio sexual	7	2.15	4	12.12	15	22.06	14	14.43	12	12.37
Agressão forçada a terceiros	5	1.53	-	-	3	4.41	4	4.12	2	2.06
Roubo	3	0.92	-	-	1	1.47	-	-	1	1.03

Fonte: Elaborado pelas autoras.

## Discussão

Os resultados revelaram que quase 50% dos estudantes investigados se envolveram diretamente em situações de *bullying* no período analisado, seja como vítimas, agressores ou vítimas-agressoras. Esse

Ana Cristina Stofel dos Santos Itaborahy; Rosimeire Aparecida Neto; Juliana Macedo Lopes; Irene Duarte de Souza

percentual é expressivo, sobretudo, quando comparado a dados nacionais obtidos pela PeNSE (Malta *et al.*, 2022), que identificou uma taxa de prevalência de prática de *bullying* entre adolescentes brasileiros de 20,4% em 2015, com redução para 12,0% em 2019. Essa discrepância pode estar associada a diferenças metodológicas, especialmente de mensuração, e contextuais. Enquanto a pesquisa nacional captura tendências gerais, estudos locais, como o aqui analisado, conseguem apreender nuances específicas da realidade escolar em que o levantamento foi feito, possuindo maior validade ecológica.

Parece, no entanto, que a principal explicação para a discrepância entre os resultados apresentados por Malta *et al.* (2022) e os observados nesta investigação diz respeito às medidas utilizadas. Reitera-se que o PeNSE utiliza questões diretas e genéricas, como “Você já sofreu *bullying*?”, que constituem uma medida bastante limitada de *bullying*, ao passo que o presente estudo empregou os Questionários de *Bullying* de Olweus (1996), reconhecidos como a principal, ou pelo menos uma das principais, medida dessa forma de agressão. É mister destacar, adicionalmente, que os três instrumentos utilizados nesta pesquisa apresentaram propriedades psicométricas satisfatórias.

Os resultados também revelaram que as vítimas tendem a ser mais jovens do que os agressores. Esses achados convergem com a literatura (por exemplo, Santos *et al.*, 2014; Mello *et al.*, 2016), que descreve maior vulnerabilidade de adolescentes mais novos perante colegas mais velhos e fisicamente mais fortes, o que amplia o desequilíbrio de poder característico do *bullying*. Uma das manifestações “clássicas” do *bullying* refere-se ao fato de estudantes mais velhos utilizarem seu maior desenvolvimento físico, e não apenas físico, para intimidar seus pares mais jovens. A diferença etária e de desenvolvimento pode favorecer a consolidação de papéis hierárquicos dentro dos grupos de escolares, de modo que adolescentes mais velhos exerçam domínio sobre os mais novos, mantendo padrões de violência simbólica e relacional entre estudantes no ambiente escolar.

A diminuição da vitimização com o aumento da idade está em consonância com a literatura (por exemplo, Santos *et al.*, 2014). Essa redução na prevalência de *bullying* entre estudantes mais velhos pode decorrer, como a própria literatura sugere, de maior nível de maturidade, punições mais severas com o avanço da idade ou maiores habilidades de resolução de conflitos entre pares. É possível, ainda, que um maior envolvimento com os estudos, visando programas de acesso ao ensino superior, contribua para a diminuição do *bullying*, especialmente no Ensino Médio.

Quanto ao sexo e gênero, observou-se que as alunas diferem significativamente dos alunos quanto à vitimização, o que contrasta com algumas pesquisas (por exemplo, Garcia Continente; Pérez Giménez; Nebot Adell, 2010; Malta *et al.*, 2010). Entretanto, os resultados também revelaram que as

Ana Cristina Stofel dos Santos Itaborahy; Rosimeire Aparecida Neto; Juliana Macedo Lopes; Irene Duarte de Souza

meninas se envolveram menos com o *bullying* e desempenharam menos os papéis de agressoras e vítimas-agressoras do que os meninos, o que converge com pesquisas mencionadas na introdução (Malta *et al.*, 2022; Rocha; Silva; Silva, 2023; Silva; Vilela; Oliveira, 2024). Assim, os meninos estiveram mais associados aos papéis de agressores e vítimas-agressoras, enquanto as meninas se envolveram menos, embora não diferissem quanto à vitimização.

Em relação aos tipos de agressão, as formas verbais e relacionais prevaleceram, corroborando com estudos como os de Garcia Continente, Pérez Giménez e Nebot Adell (2010), Wang, Nansel e Iannotti (2011), Almeida dos Santos *et al.* (2014), Bolzan Berlese *et al.* (2017) e Silva *et al.* (2019). Ao analisar os tipos de agressão e gênero, o resultado é convergente com revisões recentes, que destacam diferenças de gênero (Lembo *et al.*, 2023). Quanto às características dos agressores em situações de *bullying*, meninos praticam mais *bullying* de forma geral e envolvem-se mais em agressões físicas, enquanto meninas se engajam mais em *bullying* do tipo verbal ou psicológico (Lembro *et al.*, 2023; Rocha *et al.*, 2023; Machado *et al.*, 2024).

Fatores socioculturais estão associados às diferenças de gênero no comportamento agressivo, incluindo, evidentemente, o *bullying*. O meio social reforça, por exemplo, estereótipos de masculinidade ligados à agressividade e de feminilidade associada a estratégias relacionais e indiretas. Essa dinâmica foi ressaltada pela Unesco (2019), que alerta que práticas escolares e familiares ainda reproduzem papéis de gênero que incentivam comportamentos agressivos entre meninos e formas mais sutis de exclusão entre meninas. Para Silva *et al.* (2013, apud Lembro *et al.*, 2023), nas diferenças entre gêneros, os comportamentos violentos são reforçados em meninos, enquanto características de empatia, sensibilidade, controle das emoções e fuga dos conflitos são reforçadas em meninas.

Ainda no que se refere às formas e características de agressão predominantes, este estudo identificou que os xingamentos constituem o comportamento mais frequentemente utilizado para *bullying*, seguidos pela exclusão social. Corrobora-se, dessa forma, investigações internacionais que observaram a prevalência do *bullying* verbal sobre outras modalidades (Menken *et al.*, 2022; Rocha *et al.*, 2023).

É preciso alertar que a exclusão social é particularmente preocupante na adolescência, fase em que a aceitação pelo grupo de pares desempenha papel central no desenvolvimento da identidade e da autoestima. A literatura revisada salienta que tanto os insultos verbais quanto a exclusão social estão fortemente associados a impactos negativos duradouros na saúde mental dos adolescentes, incluindo depressão, ansiedade e ideação suicida (Menken *et al.*, 2022; Rocha *et al.*, 2023).

Ressalta-se, uma vez mais, que a vitimização por *bullying* está associada, na literatura, a uma série de desfechos negativos na saúde mental dos estudantes (Menken *et al.*, 2022). Reitera-se que essas agressões acarretam aumento de problemas como tendências suicidas e automutilação, mais problemas comportamentais, pior cognição e menor desempenho acadêmico (Unesco, 2019). Há maior probabilidade de isolamento, maiores taxas de insônia e de pensamentos suicidas entre as vítimas do que entre as não vítimas (Unesco, 2019). Estudantes que sofreram *bullying* apresentam probabilidade significativamente maior de apresentar tendências suicidas e têm 2,4 vezes mais chances de automutilação ou pensamentos suicidas passivos e 3,4 vezes mais chances de pensamentos ou comportamentos suicidas ativos (Menken *et al.*, 2022; Soprani *et al.*, 2024). Contudo, a qualidade de vida e a satisfação com a vida são menores tanto entre as vítimas quanto entre os agressores do que entre estudantes que não praticam violência entre pares (Unesco, 2019).

Também há sólidas evidências de que o envolvimento com *bullying* acarreta problemas de saúde mental associados às diferenças de gênero. Os meninos tendem a apresentar mais comportamentos externalizantes, como, por exemplo, aqueles associados ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas; embora agressores também relatem sensação de solidão no ambiente escolar e problemas de saúde mental, tais como insônia, ansiedade, depressão e baixa autoestima (Mello *et al.*, 2017). Já as meninas tendem a demonstrar mais comportamentos internalizantes associados a esse tipo de violência, como baixa autoestima, ansiedade, insônia e depressão (Lembro *et al.*, 2023). Esses dados alertam para os fatores de risco que podem comprometer a qualidade de vida e o desenvolvimento saudável tanto de estudantes agressores (Mello *et al.*, 2017) quanto de estudantes vítimas de *bullying* ativos (Menken *et al.*, 2022; Soprani *et al.*, 2024).

Além disso, há impactos educacionais relacionados ao *bullying*, como a queda no desempenho acadêmico e a evasão escolar (Unesco, 2019). Alguns estudos confirmam que o desempenho cognitivo e acadêmico tende a ser menor em crianças e adolescentes vítimas de *bullying* (Menken *et al.*, 2022), enquanto outros relatam prejuízos tanto em vítimas quanto em agressores (Mello *et al.*, 2017).

Assinala-se, novamente, que as consequências negativas do *bullying* afetam não apenas as vítimas, mas também agressores e vítimas-agressoras, que apresentam maior probabilidade de desenvolver comportamentos de risco, uso de substâncias psicoativas e dificuldades de ajustamento social (Mello *et al.*, 2017). Agressores também podem apresentar problemas de saúde mental decorrentes da violência que praticam, independentemente do sexo (Rocha *et al.*, 2023). Entretanto, ainda é necessário realizar mais estudos longitudinais que analisem os efeitos em longo prazo do

Ana Cristina Stofel dos Santos Itaborahy; Rosimeire Aparecida Neto; Juliana Macedo Lopes; Irene Duarte de Souza *bullying*, comparando, por exemplo, a transição da infância para a adolescência e desta para a adultez.

Os resultados que evidenciaram uma não associação significativa entre *bullying* e algumas variáveis demográficas, como ano escolar e cor/raça, devem, como os demais, ser considerados com cautela. Embora o presente estudo não tenha evidenciado diferenças estatísticas, pesquisas revelam que características físicas e raciais estão entre os principais motivos de vitimização (Malta *et al.*, 2022; Soprani *et al.*, 2024). Isso sugere que a ausência de associação nesta amostra pode estar relacionada a especificidades contextuais.

O percentual elevado de estudantes envolvidos diretamente com *bullying* é o resultado que mais chama a atenção neste estudo. Ele está acima, por exemplo, do observado em outros países e no Brasil a partir de dados epidemiológicos do Ministério da Educação (Malta *et al.*, 2022). Menciona-se que, na investigação citada, 12% relataram praticar essa forma de agressão, contra 23,60% nesta pesquisa. Naquele caso, aproximadamente 23% informaram vitimização e, no presente estudo, 38,55% foram vitimizados, quase 16 pontos percentuais acima.

O fato de 76,17% dos participantes desta pesquisa terem testemunhado situações de *bullying* reforça a amplitude do fenômeno no ambiente escolar. O papel das testemunhas é decisivo, uma vez que a omissão diante da violência contribui para sua continuidade. Apesar de sua relevância, as estratégias de intervenção raramente incluem de forma ativa esse grupo, o que constitui uma lacuna relevante. A literatura destaca que o desenvolvimento da empatia e de habilidades socioemocionais nas testemunhas pode potencializar esse grupo a atuar como agente de enfrentamento ao *bullying*, reduzindo sua incidência (Soprani; Foresti; Ricardo, 2024).

Ressalta-se, por fim, que os resultados sinalizam a necessidade de intervenções integradas. A literatura científica tem evidenciado que o enfrentamento do *bullying* exige ações articuladas entre escola, família, comunidade e políticas públicas (Pigozi; Machado, 2015). Também tem enfatizado a necessidade de prevenção escolar por meio de programas educativos e institucionais, intervenção precoce, com protocolos escolares claros de identificação e acompanhamento de casos, e ações restaurativas, que favoreçam o diálogo e a reconstrução das relações sociais no ambiente escolar (Pigozi; Machado, 2015). Além disso, é imprescindível o fortalecimento de políticas públicas, como as orientadas pela Lei nº 13.185/2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática no Brasil, ainda pouco efetivas em termos de implementação nas escolas.

## Considerações finais

Apesar dos níveis mais elevados de *bullying* encontrados, os resultados desta pesquisa corroboram a literatura que retrata índices alarmantes de envolvimento em *bullying* nas escolas brasileiras. Há que se ponderar, no entanto, que as diferenças podem ser decorrentes do uso de diferentes medidas de avaliação do fenômeno. Portanto, é preciso ter cautela na generalização dos presentes resultados, uma vez que a amostra contou apenas com alunos de uma escola da rede pública.

Como desdobramento desta investigação, reitera-se a necessidade de pesquisas longitudinais que esclareçam, por exemplo, se há continuidade ou mudança nos papéis de vítimas, agressores e vítimas-agressoras ao longo dos anos escolares. Sugere-se, ainda, ampliar as investigações para diferentes contextos educacionais, públicos e privados, utilizando as mesmas medidas padronizadas. Isso permitirá comparações mais consistentes entre os resultados. Também é importante aprofundar o entendimento da relação entre *bullying* e variáveis demográficas, o que pode fornecer informações mais específicas para o planejamento e a implementação de programas antibullying.

Além disso, o aprofundamento da análise sobre a relação entre *bullying* e variáveis demográficas, como idade, gênero, raça/cor e nível socioeconômico, pode fornecer informações relevantes para a formulação de políticas educacionais direcionadas. A literatura indica que desigualdades sociais e culturais influenciam diretamente os padrões de intimidação, o que requer maior atenção e aprofundamento em futuros estudos.

Não obstante as limitações, espera-se que resultados como os do presente artigo contribuam para debates e futuras pesquisas sobre o *bullying*. Almeja-se, principalmente, que sejam utilizados para fundamentar intervenções antibullying em espaços escolares, minimizando os impactos negativos dessa forma de agressão durante a adolescência e protegendo o desenvolvimento emocional e cognitivo dos estudantes.

## Referências

AL ALI, Nahla; QASEM, Islam Osmar; ALDWAIKAT, Tariq. Examining the impact of a school-based bullying education program on students' knowledge of bullying, bullying behavior, and self-esteem. **Journal of School Health**, v. 95, n. 6, p. 456-463, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/josh.13345>. Acesso em: 13 set. 2025.

AZEREDO, Catarina Machado; BARBOSA, Thaís Santos; SÁ, Dayana Sampaio de; PERES, Maria Fernanda Tourinho; THEMBISILE, Lungi; SCHILITZ, Arthur de Oliveira Campos; MENEZES, Greice; LEITE, Iracema Mattos de; THEODORO, Hellem; MOURA, Lidiany Silva de; VIEIRA, Leandro Junqueira de Souza; SILVA, Dandara Haquim da; EVANGELISTA, Kamila Azevedo da; RIBEIRO, Hudson Pacífico da Silva. Associação entre violência comunitária, desordem e ambiente escolar com bullying entre adolescentes escolares em São Paulo, Brasil. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 38, n. 3-4, p. 2432-2463, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08862605221101201>. Acesso em: 12 set. 2025.

BOLZAN BERLESE, Daniela; BRUM, Carolina Nunes; SILVA, Jeferson; PIZETTA, Adriana; PACHECO, Jorge Tadeu de Ramos. Bullying e violência social: Vivência de adolescentes obesos. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 15, n. 1, p. 491–503, jan. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11600/1692715x.1513111042016>. Acesso em: 5 set. 2025.

DIN, Kamal Ud; KASHIF, Mahvish Fatima; TAMMAR, Maisam. A study of the phenomenon of bullying in public sector secondary schools in Gilgit, Gilgit-Baltistan. **Global Educational Studies Review**, v. 6, n. 1, p. 361-368, 2021. Disponível em: [https://doi.org/10.31703/gesr.2021\(VI-I\).36](https://doi.org/10.31703/gesr.2021(VI-I).36). Acesso em: 29 ago. 2025.

GARCIA CONTINENTE, Xavier; PÉREZ GIMÉNEZ, Aina; NEBOT ADELL, Manel. Factores relacionados con el acoso escolar (bullying) en los adolescentes de Barcelona. **Gaceta Sanitaria**, v. 24, n. 2, p. 103–108, mar. 2010. Disponível em: [https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0213-91112010000200002](https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0213-91112010000200002). Acesso em: 27 ago. 2025.

GONÇALVES, Flávia Gomes. **Bullying em adolescentes: validade de constructo do questionário de bullying de Olweus e associação com habilidades sociais**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/118329>. Acesso em: 12 set. 2025.

HAN, Zhuo-Ying; LIU, Yu-Jun; LI, Xiao-Lin; LIU, Yu-Ping; ZHONG, Bao-Liang. School bullying and mental health among adolescents. **Frontiers in Public Health**, v. 13, art. 11982999, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2025.11982999>. Acesso em: 13 set. 2025.

IBM CORP. **IBM SPSS Statistics for Windows**. Version 28.0 [software]. Armonk, NY: IBM Corp., 2021.

IGHAEDE-EDWARDS, Isabella Gift; LIU, Xiaoqun; OLAWADE, David Babatunde; LING, Jonathan; ODETAYO, Aderonke; DAVID-OLAWADE, Aanuoluwapo Christiana. **Prevalence and predictors of bullying among in-school adolescents in Nigeria**. *Journal of Taibah University Medical Sciences*, v. 18, n. 6, p. 1329-1341, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jtumed.2023.05.009>. Acesso em: 14 set. 2025.

ITABORAHY, Ana Cristina Stofel dos Santos; GONÇALVES BARBOSA, Altemir José. Inteligência emocional e bullying na adolescência. **SciELO Preprints**, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/scielopreprints.12829>. Acesso em: 14 set. 2025.

JASP TEAM. **JASP. Version 0.17 [software]**. [s. l.]: JASP, 2023. Disponível em: <https://jasp-stats.org/>. Acesso em: 4 set. 2025.



JIA, Wen; HUANG, Chenyang; HU, Nan; CAI, Dongming. The association between school bullying and executive functions in children and adolescents: a three-level meta-analysis. **Journal of Adolescence**, [s. l.], v. 96, n. 8, p. 1713–1726, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jad.12397>. Acesso em: 10 set. 2025.

LEE, Talisha; CORNELL, Dewey Gibbon. Concurrent validity of the Olweus Bully/Victim Questionnaire. **Journal of School Violence**, v. 9, n. 1, p. 56-73, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15388220903185613>. Acesso em: 02 set. 2025.

LEMBO, Victoria Maria Ribeiro; SANTOS, Manoel Antônio dos; FEIJÓ, Manuella Cana Brasil; ANDRADE, André Luiz Monezi; ZEQUINÃO, Marcela Almeida; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de. Revisão sobre Características de Meninos e Meninas que Praticam Bullying Escolar. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 25, n. 3, ePTPPE15019. São Paulo, SP, 2023. 0-6906 (on-line). Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPPE15019.pt>. Acesso em: 11 set. 2025.

MACHADO, Gisele Magarotto; MOSE, Leonardo de Barros; BASTOS, Rafael Valdece Sousa; FREITAS, Clarissa Pinto Pizarro de; CARVALHO, Lucas de Francisco. **Violência e bullying no contexto escolar: análise multinível das variáveis escolares e dos estudantes**. *Avaliação Psicológica*, Campinas, v. 23, n. 3, p. 355-367, 2024. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=1677-0471](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1677-0471). DOI: <https://doi.org/10.15689/ap.2024.2303.10> . Acesso em: 10 set. 2025.

MALTA, Deborah Carvalho; SILVA, Marta Angélica Iossi; MALTA DE MELLO, Flávia Carvalho; MONTEIRO, Rosane Aparecida; SARDINHA, Luciana Monteiro Vasconcelos; CRESPO, Claudio; OLIVEIRA, Mércia Gomes de; DA COSTA, Marta Maria Alves da Silva; PORTO, Denise Lopes. Bullying in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE), 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. suppl 2, p. 3065–3076, out. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000800011>. Acesso em: 10 set. 2025.

MALTA, Deborah Carvalho; CAVALCANTE, Tarcisio de Oliveira; SANTOS, Natália Batista dos; FREITAS, Patrícia Costa; FERREIRA, Rodrigo Assis; PRADO, Ricardo Ribeiro; ASSUNÇÃO, Andréa Aparecida de Moura. Bullying among Brazilian adolescents: evidence from the National Survey of School Health, Brazil 2015 and 2019. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 25, supl. 2, e220016, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9647961/>. Acesso em: 15 set. 2025.

MELLO, Fernanda Carolina Magalhães; MALTA, Deborah Carvalho; PRADO, Ronir Raggio Daroda; FARIAS, Mariane Silva; ALENCASTRO, Ludmila da Cunha de Souza; SILVA, Marta Angélica Iossi. Bullying e fatores associados em adolescentes da Região Sudeste segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 19, n. 4, p. 866-877, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-5497201600040015>. Acesso em: 12 set. 2025.

MELLO, Fernanda Carolina Magalhães; SILVA, Jorge Luiz de; OLIVEIRA, Wânia Aparecida de; PRADO, Ronir Raggio Daroda; MALTA, Deborah Carvalho; SILVA, Marta Angélica Iossi. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, p. 2939-2948, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.12762017>. Acesso em: 05 set. 2025.

Ana Cristina Stofel dos Santos Itaborahy; Rosimeire Aparecida Neto; Juliana Macedo Lopes; Irene Duarte de Souza

MENKEN, Miriam; ISIAH, Amal; LIANG, Huajun; RIVERA, Pedro Rodriguez.; CLOAK, Christine; REEVES, Gloria; LEVER, Nancy; CHANG, Linda. Peer victimization (bullying) on mental health, behavioral problems, cognition, and academic performance in preadolescent children in the ABCD Study. **Frontiers in Psychology**, [s. l.], v. 13, e925727, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.925727>. Acesso em: 12 set. 2025.

MIDGETT, Aida; DOUMAS, Diana M. Witnessing Bullying at School: The Association between Being a Bystander and Anxiety and Depressive Symptoms. **School Mental Health**, v. 11, n. 3, p. 454-463, set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12310-019-09312-6>. Acesso em 12 set. 2025.

NAGATA, Jason; SHIM, Joan; BALASUBRAMANIAN, Priyadharshini; LEONG, Alicia; SMITH-RUSSACK, Zacariah; SHAO, Iris. Cyberbullying, mental health, and substance use experimentation among early adolescents: a prospective cohort study. **The Lancet Regional Health–Americas**, v. 46, n. 101002. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(25\)00012-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(25)00012-2/fulltext). Acesso em: 4 set. 2025.

NETO, Waldemar Brandão; LIMA, Taislane Gomes de; SILVA, Williams Pierre Moura da; VERÍSSIMO, Ana Virgínia Rodrigues; OLIVEIRA, Wanderlei Aabadio de; AQUINO, Jael Maria de; SILVA, Giselia Alves Pontes da; MONTEIRO, Estela Maria Leite Monteiro. Victimization por bullying y sentido de comunidad escolar: prevalencia y factores asociados. **Avances en Enfermería**, Bogotá, v. 41, n. 2, e105071, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v41n2.105071>. Acesso em: 4 set. 2025.

REISEN, Andressa; GOMES, Daiene Rosa; VIANA, Maria Carmen; SAROLI, Luciane Bresciani; NETO, Edson Theodoro dos Santos. Associação entre bullying, adversidades na infância e capital social na adolescência tardia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 7, p. 1–12, 2024. DOI: 10.1590/1413-81232024297.04012024

OLWEUS, Dan. Bullying in schools: Facts and intervention. **Kriminalistik**, [s. l.], v. 64, n. 6, p. 351–361, 2010.

OLWEUS, Dan. Cyberbullying: An overrated phenomenon? **European Journal of Developmental Psychology**, v. 9, n. 5, p. 520–538, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/17405629.2012.682358>. Acesso em: 10 set. 2025.

OLWEUS, Dan. **The Revised Olweus Bully/Victim Questionnaire**. Research Center for Health Promotion (HEMIL Center), University of Bergen, 1996.

PIGOZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 11, p. 3509–3522, nov. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.05292014>. Acesso em: 15 set. 2025

ROCHA, Rafael Gomes da; SILVA, Jucileide Braga da; SILVA, Jeane Barros da. Revisão sobre características de meninos e meninas que praticam bullying escolar. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, n. 3, p. 1-16, 2023. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872023000300401](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872023000300401). Acesso em: 15 set. 2025.

SALMIVALLI, Christina. Bullying prevention in adolescence: solutions and new challenges from the past decade. **Journal of Research on Adolescence**, v. 31, n. 3, p. 658–676, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jora.12688>. Acesso em: 12 set. 2025.

SANTOS, Jalber Almeida dos; CABRAL-XAVIER, Alidianne Fábila; PAIVA, Saul Martins; CAVALCANTI CAVALCANTI, Alessandro Leite. Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. **Revista de Salud Pública**, v. 16, n. 2, p. 173–183, 1 mar. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15446/rsap.v16n2.30302>. Acesso em: 19 set. 2025.

SILVA, Aline Natalia; MARQUES, Emanuele Souza; PERES, Maria Fernanda Tourinho; AZEVEDO, Catarina Machado. Tendência de bullying verbal, violência doméstica e envolvimento em brigas com armas entre adolescentes das capitais brasileiras de 2009 a 2015. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 11, e00152818, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00195118>. Acesso em: 19 set. 2025.

SILVA, Cíntia Santana; VILELA, Elaine Meire; OLIVEIRA, Valéria Cristina de. **Bullying nas escolas públicas e privadas: os efeitos de gênero, raça e nível socioeconômico**. Educação & Pesquisa, São Paulo, v. 50, p. 1-19, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202450264614por>. Acesso em: 12 set. 2025.

SILVA, Jorge Luiz da; OLIVEIRA, Walimir Alves de; CARLOS, Débora Maria; LIZZI, Edilene Aparecida da Silva; ROSÁRIO, Roseli; SILVA, Maria Aparecida Ignácio da. **Intervenção em habilidades sociais e bullying**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 71, n. 3, p. 1150–1156, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0151>. Acesso em: 9 set. 2025.

SOLAS-MARTÍNEZ, Jose Luis; DE LA TORRE-CRUZ, Manuel; RUSILLO-MAGDALENO, Alba; MARTÍNEZ-LÓPEZ, Emilio. **Bullying and cyberbullying are associated with low levels of cognitive and metacognitive learning strategies in adolescents**. Frontiers in Psychology, v. 16, art. 1569400, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2025.1569400>. Acesso em: 15 set. 2025.

SOPRANI, Bruna da Silva; FORESTI, Nayara da Silva; RICARDO, Lorena Santos. Impactos e desafios do bullying no contexto escolar: uma revisão integrativa da literatura no campo da educação. **Revista Foco**, v. 17, n.5, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n5-179>. Acesso em: 18 set. 2025.

UNESCO. **Behind the numbers: ending school violence and bullying**. Paris: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/66496/file/behind-the-numbers.pdf>. Acesso em: 21 set. 2025.

VELOSO, Vanessa Rodrigues; OLIVEIRA, Walimir Alves de; CARLOS, Débora Maria; LIZZI, Edilene Aparecida da Silva; ROSÁRIO, Roseli; SILVA, Maria Aparecida Ignácio da. Vitimização por bullying e fatores associados em estudantes brasileiros com idade de 13 a 17 anos: estudo populacional. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, e200097, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200097>. Acesso em: 15 set. 2025.

Ana Cristina Stofel dos Santos Itaborahy; Rosimeire Aparecida Neto; Juliana Macedo Lopes; Irene Duarte de Souza

WANG, Jing; NANSEL, Tanja; IANNOTTI, Ronald. Cyber and Traditional Bullying: Differential Association With Depression. **Journal of Adolescent Health**, v. 48, n. 4, p. 415–417, abr. 2011. Disponível em: [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(10\)00343-5/fulltext](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(10)00343-5/fulltext). Acesso em: 21 set. 2025.

YE, Zixiang; WU, Dongmei; HE, Xiaoyan; MA, Qin; PENG, Jianyan; MAO, Guoju; FENG, Lanling; TONG, Yuhao. Meta-analysis of the relationship between bullying and depressive symptoms in children and adolescents. **BMC Psychiatry**, v. 23, artigo 215, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12888-023-04681-4>. Acesso em: 19 set. 2025

ZYCH, Izabela; TTOFI, Maria; Llorent, Vicente; FARRINGTON, David; RIBEAUD, Denis; EISNER, Manuel. A Longitudinal Study on Stability and Transitions Among Bullying Roles. **Child Development**, v. 91, n. 2, p. 527–545, 19 dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/cdev.13195>. Acesso em: 18 set. 2025.

ZHAO, Na; YANG, Shenglong; ZHANG, Qiangjian; WANG, Jian; XIE, Wei; TAN, Youguo; ZHOU, Tao. School bullying results in poor psychological conditions: evidence from a survey of 95,545 subjects. **Frontiers in Psychology**, v. 15, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1279872>. Acesso em: 5 set. 2025.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Gisella Meneguelli de Sousa.